



ESPLENDOR DO BARROCO LUSO-BRASILEIRO

TOLEDO, BENEDITO LIMA DE. SÃO PAULO:
ATELIÊ EDITORIAL. 2012¹

ISBN: 978-85-7480-588-7

Mário Henrique Simão D'Agostino

340

pós-

“FIAT LUX”.

¹ Estas sucintas considerações consistem no texto de apresentação da lapela interna (orelha) do livro do professor Benedito Lima de Toledo (FAUUSP), a quem externo minha grande admiração e agradecimento pelo convite.

Esplendor do Barroco Luso-brasileiro luz entre os mais extraordinários desafios interpretativos da arte edificatória oficiada na América portuguesa até a independência do País. Tão vasto panorama tem visagem clara: perscrutam-se antecedentes, tradições construtivas, matrizes formais, continuidades e clivagens que, a pouco e pouco, iluminem a prodigalidade de obras abarcadas sob a rubrica *barroco*. O denominador comum consigna, pois, um estratagema de estudo, o qual, ao reverso de postular categorias estilísticas unificadoras, alveja a diversidade das manifestações artísticas, tendo-as no solar das práticas culturais coevas.

O prelúdio sobre as teorias do barroco confirma o diapasão. Todo escrutínio da *vie des formes*, consoante método protagonizado pela escola formalista francesa, – ainda hoje com notório influxo entre nós –, conjuga-se, neste livro, ao minudente exame das práticas de ofício, dos recursos técnicos e materiais, das normas de composição e modenatura, a evidenciar um domínio da fábrica arquitetônica raro entre os historiadores da arte colonial, brasileiros e brasilianistas. Não se trata, por certo, de iterar o primado técnico na gênese das formas, mas vicejar aquela “perturbação conceitual” advertida por Erwin Panofsky e atualizada por Lourival Gomes Machado, na qual *técnica*, *forma* e *expressão* permanentemente interagem entre si, convocando o historiador a uma visão holística, cultural.

Assim, somos conduzidos, com passos firmes, por ruas e largos esplêndidos, cujos calçamentos tipo “capistrana”, “cabeça de negro” ou “pé de moleque”, verdadeiros mosaicos a céu aberto, irmanam-se com o casario lindeiro, o trotar de mulas ou o cordão cadenciado dos fieis em procissão, dando-lhes guarida e respondendo a seus cânticos, feito um coral de pedras silentes. A acuidade com que Benedito Lima de Toledo ausculta líricas vozes, consortes de sacras cantarias, prolonga-se no esquadrinhamento de dispositivos espaciais e de *promenade architecturale*, por assim dizer, a reconstituir percursos visuais, efeitos de

anamorfose e expedientes vários de que se valem os artífices para a orquestração de arquitetura, pintura e escultura, a exemplo do frontispício da igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, ou do adro dos profetas em Congonhas do Campo. Muitas as páginas em que o leitor se comoverá com o encenar de sentidos e significados de tal lavra.

São de Emile Mâle as mais veementes invectivas contra a anacrônica consideração (aliás, ainda em voga) das obras de arte religiosas predecessoras da Arte Moderna como “válidas em si”, *l’art pour l’art*, ponderando que “cada uma delas tinha na igreja um lugar que lhe dava seu verdadeiro sentido” – razão por que reserva à *L’art religieux* (1932) cautas palavras sobre as igrejas das Ordens Religiosas. Em rítmico compasso, as incursões de nosso autor por vasto patrimônio de colégios jesuíticos, conventos franciscanos e mosteiros beneditinos, em todo o Brasil, propiciam contributos novos para o melhor abalizamento dos primórdios da arquitetura luso-brasileira. Dissipam-se velhas convicções, como a “conversão de Lisboa à arte de Vignola” (Lavedan), a firmar alicerces acerca do controverso *estilo jesuítico* e seus marcos inaugurais, romano ou lisboeta, alvo de ufanismos historiográficos por um “espírito” revelador da genuína alma artística nacional.

Luminosas as veredas franqueadas pelo preclaro professor de História da Arquitetura, noto por transitar com maestria entre eruditos tratados – Vitruvius à frente – e aparelhos de “arte mecânica” – a exemplo das descobertas sobre os riscos de estereotomia do frontão da igreja de São Francisco, em Ouro Preto. Com *Esplendor do Barroco Luso-brasileiro*, Benedito Lima de Toledo felicita-nos, *aere perennius*, um magistral compêndio, a abraçar longos anos de pesquisa, digo, de amor à arte pátria.

Mário Henrique Simão D’Agostino

Professor do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto e orientador no Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
(11) 3091-4555
marioagostino@usp.br